

## PESQUISAS CIENTÍFICAS COM CRIANÇAS TRANSGÊNERAS NO BRASIL

*Eixo Temático:* ET 02 - A Produção de Pesquisas sobre Infâncias, Gênero e Sexualidade na Educação

Daniella Vieira Magnus <sup>1</sup>

### RESUMO

O estudo realiza um mapeamento das produções intelectuais brasileiras que ouviram crianças transgêneras em suas investigações a fim de compreender como essa temática está sendo explorada. Discute também sobre as demandas e os dilemas que envolvem a transgeneridade infantil. O levantamento foi realizado em três plataformas de busca da internet que indexam e disseminam estudos científicos, sendo analisados por meio de uma perspectiva pós-estruturalista. Os trabalhos recuperados predominantemente fazem reflexões teóricas, baseados em levantamentos bibliográficos e também em memórias acerca da infância de adultos/as trans. Nesse sentido, considera-se que urge a necessidade de mais estudos com crianças transgêneras no país, visando um melhor entendimento sobre essa parcela da população.

**Palavras-chave:** transgeneridade infantil; criança transgênera; pesquisas com crianças.

### INTRODUÇÃO

Considerar a criança como protagonista na pesquisa científica é uma perspectiva que tem sido discutida em vários estudos brasileiros na atualidade (CRUZ, 2008; CAMPOS-RAMOS; PACHECO, 2016). Com isso, surgem propostas para ouvir as crianças e explorar suas múltiplas linguagens e, por intermédio de sua participação ativa, buscar um novo jeito de dialogar com elas, em diferentes contextos sociais.

Silvia Helena Vieira Cruz (2008, p. 330), organizadora da obra *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*, ressalta que “a criança tem sido, de longa data, objeto de estudo em pesquisas acadêmicas, no entanto, essas são pesquisas a respeito das crianças e não com a sua participação direta”. Surge, então, uma tentativa de valorizar seu protagonismo, rompendo com a concepção dominante de que criança é aquela “que não tem fala”, com predomínio de uma visão adultocêntrica da infância.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, [daniella-magnus@uergs.edu.br](mailto:daniella-magnus@uergs.edu.br).

Quando a pauta é a pesquisa com crianças transgêneras<sup>2</sup>, Kennedy (2010, p. 23) afirma

que “considera inapropriado obter os dados diretamente das crianças, pois elas se tornam conscientes de que são trans em momentos diferentes”. Para a autora, uma imagem representativa completa não estará disponível para uma determinada geração até que sejam adultas. Entendo, no entanto, que ouvir a criança é imprescindível para o adequado atendimento às suas necessidades, de modo a propiciar o surgimento de políticas públicas institucionais que promovam uma rede de atendimento que permita um desenvolvimento sadio, um ambiente pacífico, um meio social inclusivo e equipes multidisciplinares preparadas para lidar com indivíduos que sofrem constantemente a permanente vigilância e repressão institucional sobre seus corpos.

Nesse sentido, este estudo pretende colaborar com algumas importantes reflexões sobre os dilemas e as questões que versam sobre a transgeneridade infantil. Para tanto, buscou-se fazer um levantamento e uma análise das pesquisas com crianças transgêneras no Brasil, tecendo considerações com aporte teórico nos Estudos das Infâncias e nos Estudos de Gênero em uma perspectiva pós-estruturalista.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

Com o propósito de verificar o conhecimento publicado em pesquisas brasileiras com crianças transgêneras, bem como as áreas em que esses estudos foram produzidos, realizou-se uma revisão integrativa da literatura em 03 de junho de 2022 utilizando o termo “criança transgênera” nas bases de dados Google Acadêmico, Portal de Periódicos da Capes e Biblioteca de Teses e Dissertações do IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia). Não houve limite de data inicial para a busca e foram incluídos estudos até dezembro de 2021. Os critérios de inclusão foram: (1) apresentar estudos com crianças com identidade de gênero compreendida como transgênera; (2) ser escrito em Língua Portuguesa.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Observo que, apesar da Sociologia da Infância reconhecer a criança como um ator social ativo, que não está passivo em seu processo de socialização, produzindo história e

---

<sup>2</sup> Neste estudo operou-se com o termo “crianças transgêneras” como maneira de pensar a categoria como produtora de outros enquadramentos, mesmo que pouco (ou nunca) se fale em “crianças travestis”, ou em “crianças não-binárias” em estudos científicos.

cultura, é necessário cuidado e atenção ao integrá-la em pesquisas, devido ao risco de expô-la, colocando-a em situação de sofrimento e vulnerabilidade, fazendo-a reviver situações dolorosas. Conforme aponta Flávio Marcos de Oliveira Vaz (2021), as crianças trans sofrem, desde muito cedo, impactos na vida que resultam em um sentimento íntimo de se perceberem diferentes das demais, cultivando isolamentos de si próprias em relação a seus pares, por justamente não se identificarem com eles.

Quando situado como objeto de análise a vivência de crianças transgêneras, percebemos que a questão é marcada por preconceito e desconhecimento. Victor Patutti Godoy (2021) destaca que o próprio Estado coloca em relevo que a criança é um indivíduo civilmente incapaz e ainda não completamente formada psicologicamente e socialmente, não tendo, portanto, o discernimento necessário para compreender totalmente sua identidade de gênero e as consequências jurídicas, sociais e psíquicas do reconhecimento dessa identidade em suposta divergência com seu sexo biológico.

A patologização do gênero, conforme indicam Berenice Bento e Larissa Pelúcio (2012), passa a incorporar as identidades trans como categorias diagnósticas, situando a transexualidade como um *a priori* clínico. E essa proposta deriva da ideia de que o natural é ser cisgênero” (FAVERO; MACHADO, 2019, p. 107). Sofia Favero (2020, p. 58) enfatiza que é preciso olhar com desconfiança para o aparato clínico colocado sobre as crianças trans, buscando uma explicação cada vez mais intensa por “uma transexualidade embrionária, gestacional, uterina, que se dá nos primeiros anos de vida, quando não nos primeiros meses”.

As características das pessoas trans se manifestam, em grande parte dos casos, desde a tenra idade, fase em que a criança já desponta a sua insatisfação com o corpo, na maioria das vezes, por justamente não se reconhecer nele. Quanto mais cedo a criança demonstra o incômodo, maiores tendem a ser as dificuldades que enfrenta ao viver em sociedade, sobretudo em razão da incapacidade de entender o que acontece consigo (e muitas vezes acreditando que ela é errada).

É importante, no entanto, que a sociedade combata marcadores há muito tempo criticado por diversos setores sociais, entre eles o movimento feminista e os próprios ativismos transgêneros, como o de meninos que gostam de brincar de boneca, que possuem forte resistência ao uso de roupas tipicamente masculinas e que têm preferência por sentar ao urinar, entre outros. Para Judith Butler (2018, p. 44), “perguntar como essas normas são instaladas e normalizadas é o começo do processo de não tomar a norma como algo certo”.

Acerca da transição de gênero na infância, o estudo de Kristina R. Olson *et al* (2022) publicado na *American Academy of Pediatrics* e que examinou a identidade de gênero de 317



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade  
IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,

jovens americanos e canadenses que se identificaram como crianças transgêneras, entre os 3 e 12 anos de idade, mostrou que 94% destes sujeitos, após cinco anos da transição, continuam se identificando como pessoas trans, indicando uma baixa frequência de retransição, em especial quando tal processo aconteceu entre os 5 e 6 anos.

Com relação à aceitação da dos filhos trans, Chopelly dos Santos (2015, p. 17) observa que “muitas vezes os genitores reprimem o comportamento, até então inocente, dos/as menores trans, com censuras e regras, e esperam que o tempo cure tal anormalidade”. No entanto, tais atitudes servem apenas para roubar e reprimir a infância das crianças que, sem entenderem o que incomoda a eles, acabam com marcas que ressurgem na fase adulta.

Sabe-se, também, que o ambiente escolar é uma das instituições que tem a finalidade de disciplinar e controlar os corpos. Ela é a instância técnica que tem como missão aplicar uma tecnologia positiva onde os gêneros e as sexualidades infantis não podem fugir da norma heterossexual e cisgênera. Além disso, a escola vigia o corpo e disciplina os comportamentos, indicando que precisam internalizar as normas hierárquicas de gênero; afinal, é na escola que se aprende que a diferença faz a diferença (BENTO, 2011).

De acordo com Felipe (2019, p. 239), o espaço escolar tem o compromisso de promover reflexões sobre as desigualdades e preconceitos, “mostrando o quando em muitas sociedades as diferenças acabam se transformando em desigualdade”. A autora também destaca que qualquer tema que as crianças tragam para o debate na escola deve ser discutido e problematizado, e que esse espaço, em todos os níveis, “deve ter como princípio básico a ampliação do conhecimento de seus/suas alunos/as, professores/as e demais profissionais que nela atuam”.

Tanto a escola quanto a família devem compreender que uma criança não consegue sozinha passar por essa transição de gênero, principalmente por sua imaturidade para entender tal processo. Os primeiros impactos se relacionam a um sentimento íntimo de ser diferente das demais crianças, o que pode levá-la a se isolar em relação aos pares, por justamente não se identificarem com eles.

Levando em consideração os aspectos até aqui expostos, na próxima seção será apresentado os resultados e a discussão do mapeamento das produções intelectuais realizado em duas bases de dados disponíveis na internet.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao se realizar o levantamento bibliográfico nas Bases de Dados, foram recuperados os seguintes quantitativos de documentos: 1.020 no Google Acadêmico; 262 no Portal de Periódicos da Capes; e 10 na Biblioteca de Dissertações e Teses (BDTD).

Em seguida, realizou-se a leitura dos títulos das produções intelectuais e selecionaram-se os seguintes quantitativos de documentos: 26 no Google Acadêmico; 04 no Portal de Periódicos da Capes; e 01 na Biblioteca de Dissertações e Teses (BDTD).

Tendo em vista os critérios de exclusão estabelecidos, após a leitura do resumo e da introdução dos documentos selecionados, foram excluídos 28 materiais. Excluíram-se, também, 02 documentos que possuíam duplicidade.

Por fim, identificou-se que apenas 01 estudo - a Dissertação de Mestrado em Enfermagem em Saúde Pública, publicada em 2019, intitulada *Crianças e adolescentes transexuais brasileiros: atributos associados à qualidade de vida*, de Fernanda Karla Nascimento -, indexado na Biblioteca de Dissertações e Teses (BDTD), realizou pesquisas com crianças transgêneras.

Além da pouca produção sobre a temática, os estudos predominantemente fazem reflexões teóricas, baseadas em levantamentos bibliográficos, e também pesquisam as memórias acerca da infância de adultos/as trans, não se propondo a trabalhar com as crianças no momento em que vivem a construção do gênero.

A pesquisa de Nascimento (2019) teve o objetivo de descrever os atributos associados à qualidade de vida de crianças e adolescentes transgêneros brasileiros segundo a própria percepção delas/deles, e também contribuir para propostas de desenvolvimento de políticas públicas visando o cuidado à saúde integral desse grupo populacional sob um prisma “não patologizante”. O estudo contou com 12 crianças e 20 adolescentes transgêneras/os brasileiras/os em acompanhamento profissional, relacionado à sua saúde. A coleta de dados se deu junto ao serviço do Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual (AMTIGOS), localizado no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HCFMUSP), na cidade de São Paulo (SP). O AMTIGOS é o primeiro ambulatório a prestar assistência de saúde a crianças e adolescentes trans.

Os resultados da pesquisa indicaram que a vida das crianças e dos adolescentes transgêneras/os é impactada por fatores sociais, físicos e mentais, em virtude, principalmente, do estigma e da discriminação socioculturalmente vivenciados. Assim, identificou o núcleo familiar como o principal meio de suporte social, impactando positivamente a qualidade de vida dessas/es jovens. Por outro lado, majoritariamente, a vivência de preconceito e discriminação foram atributos negativos associados às suas qualidades de vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente estudo, foi constatado que raras são as pesquisas científicas brasileiras que se propõem a ouvir crianças trans. Nesse sentido, destacamos a importância de propostas de investigação que envolvam essa população, a fim de se desenvolver olhares e teorias. População essa que por diversos motivos é invisibilizada e pouco compreendida em seus desejos. Esta talvez seja uma barreira que impede que as histórias dessas crianças que se percebem gênero discordante não ultrapassem as portas de suas casas e que sejam vistas como um fenômeno de relevância investigativa. É imprescindível, portanto, que o debate também seja direcionado para elas, tendo em vista as particularidades das demandas dessa parcela da população. As crianças transgêneras podem nos revelar, por meio dos seus enunciados, o que pensam e sentem sobre o mundo que as rodeia e como se veem nesse cenário. Assim, conhecer seus gestos, ouvir suas falas e entender suas interações nos permitem compreender seus pontos de vista sobre a realidade que estão vivenciando.

## REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 559-568, maio/ago. 2012.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e política nas ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMPOS-RAMOS, Patrícia Cristina; BARBATO, Silviane. Participação de crianças em pesquisas: uma proposta considerando os avanços teórico-metodológicos. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 19, n.3, p. 157-238, 2014.

CRUZ, Sílvia Helena Vieira (org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

FAVERO, Sofia. **Crianças Trans**. Salvador, BA: Editora Devires, 2020.

FAVERO, Sofia; MACHADO, Paula Sandrine. Diagnósticos benevolentes na infância: crianças trans e a suposta necessidade de um tratamento precoce. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 104-105, 2019.

FELIPE, Jane. *Scripts de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente*. In: FELIPE, Jane; ALBUQUERQUE, Simone Santos de; CORSO, Luciana Velhinho (org.). **Para pensar a docência na Educação Infantil**. Porto Alegre: Evangraf, 2019. p. 238-250.

GODOY, Victor Patutti. **A proteção jurídica da criança e do adolescente transgênero.** São Paulo: Dialética, 2021.

PACHECO, Tatiana do Socorro Corrêa. A participação e a escuta das vozes infantis como elemento norteador da educação de crianças. **Revista Professare**, Caçador, v. 5, n. 2, p. 71-92, 2016.

KENNEDY, Natacha. Criança transgênero: mais do que um desafio teórico. **Revista Cronos**, Natal, v. 11, n. 2, p. 21-61, 2010.

NASCIMENTO, Fernanda Karla. **Crianças e adolescentes transexuais brasileiros:** atributos associados à qualidade de vida. 2019. 112. f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2019.

OLSON, Kristina R.; Durwood, Lily; Horton, Rachel ; Gallagher, Natalie M.; Devor, Aaron. Gender Identity 5 Years After Social Transition. **American Academy of Pediatrics**, 2022. Disponível em: [https://watermark.silverchair.com/peds\\_2021056082.pdf](https://watermark.silverchair.com/peds_2021056082.pdf). Acesso em: 02 jun. 2022.

VAZ, Flávio Marcos de Oliveira. **Transgeneridade infantil para além do binarismo:** políticas públicas de inclusão das crianças trans no Brasil. Salvador/BA: Devires, 2021.